Roberto Muggiati

A Contorcionista m·o·n·g·o·l

romance

Resumo de A Contorcionista Mongol

Um (anti) herói quixotesco que se esconde do mundo num apartamento do hotel Quitandinha. Uma contorcionista mongol com ares de Mata Hari. E um sinistro atirador de facas da Transilvânia.

Esse é o estranho trio de A Contorcionista Mongol, que transporta o leitor desde a Serra de Petrópolis até as montanhas do Tibet, passando por Paris e por um campo de treinamento na Suíça - onde os guerrilheiros pertencem a organizações, como a Frente de Libertação dos Anões de Jardim e os arremessadores de tortas da Brigada Internacional dos Confeiteiros.

Além de descrever as obsessões do corpo - sexual, gastronômica, etílica -, a visão politicamente incorreta da mulher fatal, do amor bandido, A Contorcionista Mongol tem um enredo com múltiplas saídas: como um Quixote embriagado com os romances de cavalaria, não teria o herói fantasiado todos estes lances de espionagem?

Chegou realmente a viajar ao Tibet ou ficou para sempre no Quitandinha? E vai, ou não vai morrer no final? Tudo isso fica em aberto, para ser resolvido de uma maneira diferente na cabeça de cada leitor.

Antes de lançar-se na ficção, Roberto Muggiati publicou onze livros, a maioria sobre música, especialmente jazz. Ele admite que cinqüenta anos de jazz influenciaram seu jeito de escrever e, nos ritmos de sua prosa, procura evocar a sintaxe dos favoritos como Chet Baker, Billie Holiday e Helen Merrill.

Outro jogo de Muggiati - inspirado nas citações que os jazzistas fazem durante seus improvisos - consiste em colocar em seu texto "cacos" de escritores conhecidos. Entre eles Kafka, Dostoievsky, Henry Miller, Fernando Pessoa, Hemingway, Fitzgerald, Cortazar, Nabokov e, claro, Hammett e Chandler.

Vale até como um teste, para o leitor de formação literária, identificar estas citações ao longo do livro. E são, também, segundo o autor, uma

espécie de homenagem aos escritores que o acompanham desde a infância.

Acesse aqui a versão completa deste livro